

PRÁTICA PEDAGÓGICA: SOBREVIVÊNCIAS DE LEITURA NA ESCOLA

Clair Fátima Zacchi¹
Alana de Oliveira²

RESUMO

O trabalho aborda a leitura literária na escola. O objetivo foi possibilitar espaços lúdicos e significativos para as crianças vivenciarem a leitura literária, a fim de desenvolver comportamentos leitores. A metodologia compreende diagnóstico de observação, docência e análise das vivências. O trabalho aconteceu em uma escola da rede privada, com 23 crianças da Educação Infantil. Conclui-se que o contato com textos literários significativos e trabalho planejado é fundamental para a imaginação, bem como para despertar o gosto pela literatura, tornando e formando crianças leitoras. Compreende-se o papel do professor no desafio de ensinar a ler e ouvir ou aprender a ler literatura, sem deixar de viver (e deixar de “sobre-viver”) o prazer da leitura, além de falar da importância “sobre-vivências” de leitura na escola.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Vivências de leitura literária. Escola.

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Quando lemos ou ouvimos falar sobre a importância da leitura na escola, parece-nos um assunto já esgotado. Por outro lado, é comum escutarmos “Os meus alunos não gostam de ler.”

Qual é o papel da escola em relação às práticas de leitura para a formação do leitor, uma de suas funções? O que se lê na escola, como se lê e para quê se lê? Isso nos faz pensar que mesmo com tantas discussões a respeito, ainda há reflexões a serem feitas e “sobre-vivências” a serem compartilhadas, o que nos motivou a desenvolver um trabalho de estágio que resultasse em uma prática de leitura do texto literário, em sala de aula, enquanto fruição, prazer e que ampliasse os comportamentos leitores – atitudes relacionadas a valores construídos no que diz respeito à leitura e ao ato de ler.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura começa muito cedo e continua pela vida inteira. A criança que ouve histórias, que tem contato com os livros e que é estimulada desde os primeiros anos desenvolve a imaginação, a fantasia, a habilidade de escuta, a linguagem e, sobretudo, a humanização. Além disso, será um leitor em potencial.

A formação de leitores está intimamente ligada à motivação, à curiosidade e ao exemplo que, na escola, ocorre por influência do professor. Kleiman (2007, p. 15-16) afirma que “Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura.” Além disso, o professor precisa proporcionar diferentes espaços e modos de desenvolver as práticas de leitura, despertando a curiosidade da criança pelo livro. Nesse sentido, a literatura pode influenciar direta e positivamente nesse processo.

De acordo com Baldi (2010, p. 8):

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

A literatura constitui-se como arte, como experiência estética e humana e é uma forma distinta de expressão, criada pelo homem, com a qual podemos dialogar com o mundo; constitui-se em espaços de criação, transgressão, construção de sentidos que possibilitam aos sujeitos novas formas de compreender o mundo e de se relacionar com a vida, com o outro.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Pós-graduada em Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; clair.zacchi@unoesc.edu.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; alana_deoliveira@hotmail.com

Dessa perspectiva, a criança que se encontra na educação infantil, por meio da leitura literária, pode estabelecer novas formas de inserção no mundo, bem como uma maneira especial de ver e ler esse mundo.

Baldi (2010, p. 10) afirma que:

[...] Alunos que ouvem, leem, interagem e curtem histórias sempre, todos os dias, desde que entram na escola, apresentam grande vantagem em relação aos que não fazem isso ou fazem pouco. E não só em termos da leitura propriamente dita, mas em todos os aspectos e objetivos da escolaridade.

O texto literário é extremamente importante para todas as faixas etárias. Porém, nem todas as crianças e jovens têm contato com livros de literatura infantil e juvenil fora do espaço escolar, por isso, “a importância de o professor garantir em sua rotina pedagógica a prática de ler livros de literatura.” (LEAL et al., p. 73). Os autores ainda trazem inúmeros motivos para que se garanta a leitura literária:

[...] podemos citar várias razões que justificam a necessidade de garantir que os estudantes tenham acesso a esses textos: a literatura é um bem cultural da humanidade e deve estar disponível para qualquer cidadão; a leitura do texto literário é fonte de prazer e precisa, portanto, ser considerada como meio para garantir o direito de lazer das crianças e dos adolescentes; a leitura do texto literário promove no ser humano a fantasia, conduzindo-o ao mundo do sonho; possibilita, ainda, que os valores e os papéis sociais sejam ressignificados, influenciando a construção de sua identidade; por fim, sem termos a pretensão de esgotar tais razões, promove a motivação para que crianças e adolescentes aprendam a ler e possibilita inseri-los em comunidades de leitores. (LEAL et al., p. 72-73).

Cabe destacar, também, que algumas escolas não trabalham com esse tipo de leitura de forma planejada e adequada. Nos livros didáticos, as atividades relacionadas à leitura são compostas de pequenos textos e, muitas vezes, são fragmentos de textos literários, priorizando o ensino de regras gramaticais, esquecendo a importância de discutir e apresentar o texto literário enquanto arte e fruição. Assim, os leitores em formação acabam fazendo a leitura de forma mecânica e fragmentada.

De acordo com Baldi (2010, p. 8):

É necessário, portanto, ampliarmos nossa visão para além da competência leitora e escritora e do próprio processo de letramento. E é também necessário buscar essas outras razões para trabalhar com literatura, que dizem respeito ao prazer que a leitura pode nos dar e à nossa condição não só de professores, mas de leitores.

A escola tem papel fundamental no processo de ensino da literatura, e os professores precisam estar atentos para tais leituras, oportunizando momentos para que cada um faça a leitura de sua história, que as crianças frequentem a biblioteca desde cedo e que elas mesmas escolham seus livros.

Abramovich (1991, p. 143) afirma que:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, curiosa, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... [...] fazendo parte da rotina escolar [...] o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

Ao final das leituras é interessante realizar uma conversa, verificando se a criança gostou ou não, se vai querer ler novamente, deixá-la opinar, discutir sobre a história, se era o que esperava, falar sobre os personagens, sobre a capa do livro, paginação, autor, ilustrações e tantas outras coisas. Assim a criança desenvolverá seu senso crítico e formará suas próprias opiniões.

1.1 OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS

Sabemos que a literatura infantil é uma possibilidade de desenvolver a capacidade de escuta, a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa. E quanto mais cedo a criança tiver contato com a leitura, melhor será

seu desenvolvimento. Durante esse desenvolvimento, passa por estágios psicológicos que precisam ser observados e respeitados, e, se a leitura estiver presente nesses estágios, o desenvolvimento da criança será mais completo.

Ouvir histórias é o início da aprendizagem para se tornar leitor, e quando se é leitor, tem-se um caminho de descobertas e um mundo de aprendizado pela frente. Geralmente, o primeiro contato da história com a criança é feito oralmente, e isso é muito importante, pois a história contada faz perceber a diferença no tom de voz utilizado e todas as emoções transmitidas ao contar e ouvir.

Sobre as emoções durante uma história, Abramovich (1991, p. 17) diz:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

É por meio das histórias que as crianças conhecem outros mundos, outras pessoas, formas de pensar, agir e se relacionar, dando asas à imaginação. Pelas histórias elas têm contato com assuntos e situações que fazem parte do seu cotidiano, ajudando-as a entender o mundo que as cerca.

O ouvir histórias pode estimular diversos aspectos nas crianças, como o desenho, o teatro, a música, a imaginação e o brincar. “Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.” (PASWELS apud ABRAMOVICH, 1991, p. 24).

1.2 RELAÇÕES ENTRE LITERATURA INFANTIL, ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Ao pensarmos sobre a literatura na escola, percebemos que alguns professores sentem dificuldades na hora de trabalhar textos literários e promover leituras que despertem prazer, emoção, sentimentos, porque há preocupação em estudar saberes escolares com as histórias. Entendemos que, para a formação de novos leitores, a fruição e o prazer despertados pela literatura são fundamentais. Essa dificuldade dos professores pode transformar o prazer em desprazer. Assim, a leitura é vista como certo tipo de avaliação, e a criança acaba desenvolvendo o desgosto e o afastamento de práticas de leitura (SOARES, 2001).

Porém, sabemos o quão importante é desenvolver atividades, dentro da escola, com a literatura, que promovam a imaginação, a fantasia e o gosto pela leitura. É dever da escola desenvolver atividades que signifiquem a leitura literária. O papel do professor é o de mediador na formação de leitores e deve propor ações que permitam ao aluno se aproximar desse universo de modo prazeroso.

Quanto à escolarização da literatura, Soares (2001, p. 17) afirma:

[...] podem-se interpretar as relações entre escolarização, de um lado, e literatura infantil, de outro, como sendo a apropriação, pela escola, da literatura infantil: [...] analisa-se o processo pelo qual a escola toma para si a literatura infantil, escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, [...] faz dela uma literatura escolarizada.

A autora ainda diferencia a produção de uma literatura para a escola, destinada a certo público-alvo, que é chamada de literatização da escolarização infantil. Cabe à escola planejar e adotar medidas para o trabalho da literatura com o objetivo de formar leitores e realizar uma escolarização adequada da literatura.

É necessário que, quando trabalhado na escola, o texto literário não perca a sua essência, pois dependendo da prática perde o sentido de emocionar, divertir e dar prazer ao leitor, sendo entendido apenas como um objeto de estudo. O estudo desenvolvido na escola sobre e com textos literários é processo de escolarização, porém deve ser adequada, respondendo perguntas como o que se deve estudar em um texto literário ou quais os objetivos de tal estudo. Esses objetivos devem ser específicos a esse gênero e devem privilegiar os conhecimentos, habilidades e atitudes que são necessárias para a formação de um bom leitor de literatura (SOARES, 2001). A autora também observa que “Não é a

escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras.” (SOARES, 2001, p. 51).

Diante disso, podemos afirmar que a escola desenvolve um papel importante ao formar o leitor, pois um bom leitor desenvolve seu senso crítico e é instigado pelo texto, que conversa com o leitor, entra no texto por suas diversas brechas e interfere na produção de leitura, mesmo os leitores mais jovens.

De acordo com Amarilha (2001, p. 49):

A linguagem literária organiza os fatos em forma diferente da linguagem oral do cotidiano. Como essa roupagem tem bossa, ritmo, humor, o leitor mirim percebe que está diante de uma maneira diferente de ser da língua. É por essa razão que muitas vezes a criança solicita a repetição de uma mesma história, principalmente crianças pré-escolares. Visto que não dominam ainda os esquemas e convenções da escrita, elas precisam ter um apoio para aprenderem as novidades da linguagem literária – o ritmo das frases, o jogo da sonoridade, a arrumação das palavras são para elas pontos de referência no acesso à escrita.

A literatura infantil pode e deve ter um sentido divertido. O professor é o mediador nesse processo e precisa instigar as crianças, fazendo com que dialoguem entre si e com o próprio texto, expondo suas opiniões e ouvindo as opiniões dos outros.

Além de o professor propiciar tais oportunidades de leitura, a escola deve dispor de um local de guarda e conservação dessas leituras. A criança precisa entender a função desse lugar e estabelecer uma relação com o ambiente e com os livros. Outro ponto a ser levado em consideração é o espaço construído dentro da sala de aula, os famosos “cantinhos da leitura”, que devem ser aconchegantes, mas, sobretudo, conter boas obras literárias.

Aguiar (2001, p. 240) afirma:

[...] os novos alunos leitores vão entrar em contato com objetos culturais múltiplos e, entre eles, o livro de literatura. Por esses caminhos, aumenta a complexidade da escola, uma vez que a sala de aula passa a ser o espaço da variedade de sujeitos, de objetos de leitura e de práticas culturais.

A infância é uma etapa de preparação para exercer funções como pular, correr, escrever e falar. Portanto, devemos estimular a criança ao hábito da leitura, pois ajuda no desenvolvimento de tais funções durante a infância. Quanto mais cedo a criança entrar em contato com o universo da literatura, melhor será seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente realizamos estudos de textos teórico-críticos e elaboramos um referencial sobre a leitura literária na escola, as relações entre literatura e escola, autores e obras infantis e a formação do leitor. Em seguida, tomamos contato com a turma do Pré II de uma escola de rede privada de ensino, por meio de observação, um trabalho de 20 horas, a fim de conhecermos as crianças com as quais realizamos o estágio. O passo seguinte foi aprofundar e estudar obras literárias com as quais desenvolvemos o trabalho. Dentre as obras trabalhadas, escolhemos a obra *Dona Baratinha* (2004), um clássico da literatura, recontado por Ana Maria Machado, que foi trabalhada em dois momentos: no primeiro planejamos a atividade de exploração e leitura da obra e a confecção do convite de casamento; no segundo momento, confeccionamos o vestido de casamento da Dona Baratinha.

O planejamento das atividades com a obra se desenvolveu do seguinte modo: para iniciar as atividades, no cantinho da leitura, lemos a história *Dona Baratinha*, adaptação de Ana Maria Machado (2004). Exploramos o texto e cantamos a cantiga “Quem quer casar com a Dona Baratinha?” Em um pedaço de papel pardo, fizemos o convite de casamento da Dona Baratinha; as crianças ditaram e escrevemos; no restante do papel as crianças desenharam e enfeitaram com giz de cera e cola colorida. O cartaz foi exposto em um espaço externo da sala de aula. Para finalizar a atividade, levamos pedaços de tecido branco e conversamos sobre a possibilidade de transformá-los em um vestido para a Dona Baratinha. Então propusemos que os estudantes enfeitassem/desenhassem o tecido para posteriormente confeccioná-lo. O vestido foi montado e levado para as crianças.

3 COLOCANDO A TEORIA EM PRÁTICA

Iniciamos o trabalho com Dona Baratinha (2004) explorando a capa (quem é o autor, o que está desenhado na capa, quem ilustrou a história, em que ano foi escrita). Por meio das imagens, as crianças fizeram várias inferências, dialogaram e expuseram suas opiniões e então iniciamos a leitura, observando o que aprendemos nas questões teóricas: para que a criança entenda e sinta o que a literatura proporciona, precisamos saber contar a história. A contação não deve ser feita de qualquer forma, mas planejada; o professor deve ler o livro antes para sentir as emoções que ele traz e entender as pausas e as expressões que devem ser feitas. O leitor/narrador precisa despertar a imaginação, encantar e motivar o interesse das crianças, deixando a história aberta para a imaginação dos pequenos.

Abramovich (1991, p. 21) ensina:

[...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...

Terminada a história, conversamos com as crianças, retomando partes e lembrando os acontecimentos. As crianças cantaram diversas vezes a música que está presente no livro, quando Dona Baratinha queria achar um noivo, e imitavam todos os sons dos animais presentes na história. Aproveitamos para dialogar sobre os motivos pelos quais eles não poderiam se casar com a Dona Baratinha.

Em seguida, estendemos um pedaço de papel pardo no chão e propusemos que as crianças fizessem o convite de casamento da Dona Baratinha, uma vez que a história fala de seu casamento. Além disso, precisávamos “anunciar” o evento. Sentamos em volta do papel e conversamos sobre as características do convite e sua finalidade (para que serve, o que tem, quais as informações, o que já conhecem de convites, de aniversário, por exemplo). Na sequência, fizemos o papel de escriba, registrando o que as crianças falavam (horário, data, local, aluno) e, após, utilizamos giz de cera e cola glitter para decorar o convite. As crianças fizeram desenhos de carruagens, de doces de casamentos, dos noivos e de outros elementos da festa.

Quando concluído, expusemos no corredor que antecede a sala de aula. Em seguida, cantamos “A barata diz que tem” e combinamos que, no próximo dia, continuaríamos “brincando” com outros elementos trazidos pela história, instigando as crianças a fantasiarem e entrarem em contato com o mundo imaginário proporcionado pelo texto.

Dinorah (1996, p. 56) observa:

A história é alimento da imaginação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajudando a resolver conflitos, acenando com a esperança. [...] Controlar as emoções, educar os sentidos, desenvolver a imaginação e a lógica, são valores educativos da história que deverá atender a três finalidades: - comover, - instruir e - agradecer.

No dia seguinte, propusemos a construção do vestido de casamento da Dona Baratinha, e, para iniciar, as crianças lembraram a música e a história do dia anterior, então, conversamos sobre as vestimentas dos noivos e os convidados do casamento (o que será que eles usariam? Que cor era? Havia desenhos?). A partir desse diálogo, desafiamos as crianças a criarem a vestimenta da Dona Baratinha; ficaram muito empolgados e animados para desenvolver o vestido de casamento da noiva; todos se questionavam “Como vamos fazer? Com o quê? Quem vai costurar? Quem vai usar? Será que conseguimos?” e, para isso, levamos pedaços de tecidos que se transformaram em um vestido de noiva, e as crianças, em grupos, puderam construí-lo.

A turma foi dividida em grupos, e cada grupo ganhou uma parte do tecido que comporia o vestido. Estavam todos animados para desenhar no vestido de noiva e curiosos para saber como ficaria. Conforme a atividade acontecia, as crianças conversavam entre si sobre os personagens, relatando a história e dizendo que nenhum dos candidatos a noivo poderia ficar de fora do vestido, pois todos gostavam de Dona Baratinha.

Sobre o desenvolvimento das linguagens, Dinorah (1996, p. 19) cita:

Só a escola criativa fará da criança o ser integral. E criatividade sem livro não chega à plenitude das asas. O livro leva a criança a desenvolver: - criatividade, -sensibilidade, - sociabilidade, - senso crítico, - imaginação criadora. E algo fundamental: o livro leva a criança a aprender o *português*. É lendo que se prende a *ler, escrever e interpretar*.

As crianças puderam utilizar canetinhas, colas coloridas e glitter para confeccionar o vestido. No início, estavam em grupos nas mesas, mas preferiram construir no chão, onde todos ficavam à vontade; os desenhos/ilustrações nos tecidos lembravam os personagens, o amor, a decoração, a comida, candidatos a noivo, animais, doces de casamento, várias Donas Baratinhas, super-heróis, flores, carruagens, corações, entre outros.

Ao término da atividade, estendemos os tecidos em um varal, feito na sala de aula, a fim de secar, uma vez que usaram tinta, cola e brilhos. Combinamos que quando estivesse tudo seco, a costureira da Dona Baratinha (que é craque em vestidos) pegaria os tecidos e os levaria para costurar e traria o vestido pronto. E assim aconteceu. Na volta do parque, os tecidos não estavam mais no varal, as crianças ficaram empolgadas, pois queriam ver o vestido pronto e esperavam por ele. A atividade proposta desenvolveu aspectos físicos, cognitivos e sociais, auxiliando no trabalho em equipe e percepção de mundo, e para que esses aspectos sejam desenvolvidos, é necessário conhecer a concepção de criança.

A concepção de criança sustentada na DCNEI coloca-a como sujeito de direitos que se desenvolve nas múltiplas interações que ela vai experimentando no mundo social. Sua entrada no ambiente coletivo de educação pode propiciar um conjunto de interações diversificadas e complementares em relação ao ambiente familiar, que lhe possibilitam aprendizagens amplas e diversas. “Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz de conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura.” (BRASIL, 2009).

No outro dia, recebemos as crianças com o vestido de casamento da Dona Baratinha e, conforme chegavam, impressionavam-se e queriam encontrar seus desenhos nas partes que formavam a vestimenta. Sentadas todas no chão sobre o tapete e em círculo, conversamos sobre o vestido; todos gostaram e ficaram curiosos para saber como os pedaços de tecido se transformaram na peça. Explicamos todos os detalhes e deixamos que explorassem em equipe, proporcionando a interação.

Na Educação Infantil devemos pensar, também, na criança atuando em grupos e na atuação do professor para mediar os conflitos e criar estratégias para que aconteça a interação efetiva, estimulando o respeito quando se trata de suas diferenças e favorecendo a interação entre elas.

É o professor quem planeja as melhores atividades, aproveitam as diversas situações do cotidiano e potencializa as interações. Tudo para apresentar às crianças o mundo e sua complexidade: a natureza, a sociedade, as artes, os sons, os jogos, as brincadeiras, enfim, os conhecimentos construídos ao longo da história, possibilitando a construção de sua identidade, individualidade e autonomia dentro de um grupo social. (OLIVEIRA et al., 2013, p. 58).

Essas vivências com o texto literário permitiram intensificar e relacionar as memórias de leitura desses leitores-ouvintes e a leitura propriamente, para além da decodificação de letras/palavras ou atividades sem sentido, para a “sobre-vivência” dos textos literários, que são ressignificados a cada leitura e, sobretudo, a cada nova geração de leitores. Nesse sentido, o papel do leitor, independentemente da educação básica, é ativo.

As crianças da educação infantil com as quais realizamos essa vivência não apenas acompanharam as leituras, mas “entraram” no texto, interferiram na produção da leitura. Como afirma Amarilha (2001, p. 49), “as novidades da linguagem literária – o ritmo das frases, o jogo da sonoridade, a arrumação das palavras – são para elas pontos de referência no acesso à escrita”, e ousamos complementar, à leitura.

4 CONCLUSÃO

Os estudos, as vivências do estágio, as análises e a reflexão permitem-nos concluir que trabalhar a leitura literária, de modo planejado – que começa desde a escolha até o conhecimento aprofundado da obra e do conjunto da obra do autor –, é necessário e fundamental para a formação de leitores.

Percebemos que no contato com a arte literária possibilitamos às crianças adentrar no mundo imaginário, no mundo de faz de conta, estimulamos a imaginação e despertamos o gosto pela leitura literária. Ao tornarmos as histórias significativas, as crianças sentem-se parte delas e aprendem a lidar com as emoções, com situações do cotidiano.

Concluimos, também, o quão importante é conhecer a leitura antes de levá-la até a sala de aula e fazê-la com entonação, emoção e gestos que garantam uma boa contação.

Cabe destacarmos, ainda, a vivência, o entrelaçamento da teoria e da prática necessário à formação docente, ao ser professor. A partir das vivências de estágio, entendemos o papel do professor, os desafios de ensinar a ler diferente, ou aprender a ler literatura, sem deixar de viver (e deixar de “sobre-viver”) o prazer da leitura, garantindo a “sobre-vivência” da leitura na escola.

Pedagogical practice: over-school reading living

Abstract

The paper deals with literary reading in school. The goal was to provide playful and meaningful spaces for children to experience literary reading in order to develop reading behaviors. The methodology includes diagnosis of observation, teaching and analysis of the experiences. The work took place in a private school, with 23 children from Early Childhood Education. It is concluded that the contact with significant literary texts and planned work are fundamental to the imagination, as well as to awaken the taste for literature, making and forming children with reading behaviors. It is understood the role of the teacher in the challenge of teaching to read and to listen or to learn to read literature, without ceasing to live (and letting “over-live”) the pleasure of reading, besides speaking of the importance “Reading at school”.

Keywords: Pedagogical practice. Literary reading experiences. School.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

AGUIAR, V. T. de. Leitura literária na escola. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?**: literatura infantil e prática pedagógica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BALDI, E. **Leitura nas séries iniciais**: Uma proposta para formação de leitores de literatura. 2. ed. Porto Alegre: Projeto, 2010.

BRASIL. Parecer CNE/CEB N° 20/2009. Dispõe sobre a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 dez. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

DINORAH, M. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 2007.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de, MORAIS, A. G. de. Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2007. p. 97-108.

MACHADO, A. M. **Dona Baratinha**. São Paulo: FTD, 2004.

OLIVEIRA, R. Z. et al. **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2013.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

